

# UM ESTUDO SOBRE O DIALETO CAIPIRA EM TIETÊ: UM COMPARATIVO COM A OBRA DE AMADEU AMARAL SOBRE A VARIANTE LÍNGÜÍSTICA DA TROCA DO /L/ PELO /R/ OU ROTACISMO.

Rosimeire Firão LEVADO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem o objetivo de comentar a história-social da região de Tietê e fazer um leve comentário do fonema fonético da troca do /l/ pelo /r/ ou rotacismo, comparando com a obra de Amadeu Amaral “Dialeto Caipira” (1920). Amadeu Amaral foi o pioneiro neste assunto com a publicação de sua obra “Dialeto Caipira”. Tendo como apoio as entrevistas coletadas nos dias atuais em Tietê, com moradores com uma genealogia ligada à região, com idade acima de 65 anos, com pouco ou nenhum grau de instrução. Portanto, tendo como justificativa um levantamento comparativo entre as entrevistas coletadas e os dados coletados por Amadeu Amaral em sua obra. E assim, tendo, como resultados preliminares esta discussão em que Amadeu Amaral levantou, como ele mesmo chama de prosódia caipira. Nesta apresentação tratamos da metodologia usada para a aquisição das entrevistas, em que ela foi coletada. Na obra de Amadeu Amaral o autor não cita a sua metodologia em que consistiu a sua coleta de dados.

**PALAVRAS-CHAVE:** história-social, dialeto caipira, rotacismo

## Introdução

Um estudo comparativo com a obra de Amadeu Amaral, “O Dialeto Caipira”. Tem o intuito de estudar a formação da cultura e do dialeto caipira, na região de Tietê, ou seja, analisando a história sócio-cultural da localidade aqui tratada. Este projeto faz parte de um projeto maior, com o título de “Formação e expansão do português paulista ao longo do rio Tietê até Mato Grosso a partir do século XVI.”<sup>2</sup>.

Para este trabalho foi baseado em trabalhos já realizados, como Antonio Candido em “Parceiros do Rio Bonito” e Amadeu Amaral em “O Dialeto Caipira”, para este

---

<sup>1</sup> Mestranda na área de da Filologia e Língua Portuguesa. Instituição USP – Universidade de São Paulo, bolsista da CAPES. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Correspondência: Rua Artur Moreira, 168 Jd. Marek, CEP: 09111-380 - Santo André – São Paulo- Brasil, e-mail: rosimeirefiraolevado@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Departamento de filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo: 2006.

estudo lingüístico foram usados os critérios metodológicos da sociolingüística<sup>3</sup> variacionista, tendo a troca do /l/ por /r/ ou rotacismo, um estudo lingüístico, em nível fonético-fonológico. Tendo como apoio, entrevistas coletadas nos dias atuais em Tietê, no total de dez entrevistas realizadas com moradores com uma genealogia ligada à região, com idade acima de 65 anos, com pouco ou nenhum grau de instrução.

### **História-social de Tietê**

Com o aumento do fluxo das embarcações em sentido à Cuiabá, e vice-versa, começava um intenso movimento, e conseqüentemente, como a região era constituída de solo fértil, logo se iniciou a sua povoação como relatos dos próprios navegantes da época, a presença de alguns sítios localizados as margens do rio Tietê. Que estas imediações pertencia a Porto Feliz antiga Araritaguaba, que era onde as embarcações partiam para o destino à Cuiabá, distante mais ou menos, da dita cidade, cinco ou seis léguas.

Um dos fatores para estabelecerem moradia nas imediações de Tietê, é que foram atraídos pela fertilidade do solo. E conseqüentemente, tiveram um grande número de aventureiros e de lavradores que denominados Caipiras provenientes das cidades vizinhas como Porto Feliz, Itu, e Sorocaba, e também de cidades pouco afastadas como, Jundiá, Mogi-Mirim e Taubaté<sup>4</sup>. E assim, este povoado teve grande importância para as monções, como o povoado ficava distante de cinco ou seis léguas de Porto Feliz, servia de paragem, para as embarcações. E assim, com o aumento do

---

<sup>3</sup> Segundo Labov (1976,p.37) para um estudo lingüístico o contexto social tem que estar ligado, pois, a lingüística é uma ciência social. “Pedant des années, je me suis refusé à parler de *sociolinguistique*, car ce terme implique qu’il pourrait exister une théorie ou une pratique linguistiques fructueuses qui ne seraient pas sociales (...)”. Para Tarallo(2004, p.7) “O modelo foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.”

<sup>4</sup>Madeira, Na Terra de Cornélio Pires ,1991- pp.24.

fluxo de navegações para as minas auríferas, a única rua do povoado servia de ancoradouro, para as embarcações das monções, tanto para a ida à Cuiabá, como para sua volta. Esta rua ficou denominada como Rua do Porto Geral, pois eram onde as embarcações se atracavam. Segundo Madeira(1991:23) já em 1747 o vigário Francisco de Campos declarou no livro do Tombo da Freguesia de N. S. da Penha de Ararituaba (Porto Feliz), que seria um breve levantamento que pode ser considerado o 1º censo de Tietê, como mostra a seguir:

“(…) que o distrito de sua jurisdição compreendia seis léguas pouco ou mais ou menos, com moradores em sítios ao longo do rio e tendo “ sítios e moradores distantes perto de quatro léguas pouco ou mais ou menos da Matriz, que ficam para banda do rio abaixo(…)

Relata o vigário ter a sua Freguesia, distante de Porto Feliz, cento e quarenta fogos, ou seja, casas. A distância que ele mencionava surgiu à cidade de Tietê<sup>5</sup>. Em sua margem esquerda do rio Tietê, os moradores construíram as primeiras habitações e o lugar passou a se chamar de vilarejo ou arraial de Pirapora do Curuçá, significado desse nome é devido a uma enorme pedra localizada á margem esquerda do rio Tietê, com o nome de pedra do Curuçá a uns 500 metros da ponte principal da cidade, localizada nos dias atuais, de onde esta localizada a pedra, que tem esculpido uma cruz artística de 1,50 metros de altura com os dizeres “SIC TRANSIT GLORIE MUNDI” ( assim para a glória do mundo) na qual os índios a chamavam de Curuçá- Guaçu ( que em tupi guarani significa cruz) e Pirapora significa salto de peixe<sup>6</sup>. Segundo Martins(1978:37)

---

<sup>5</sup> Madeira,” Na Terra de Cornélio Pires”, 1991-pp .23.

<sup>6</sup> Secretaria da Cultura e Turismo da cidade de Tietê: 2006.

que traz outra denominação ao nome de Curuçá, é o nome de uma cachoeira com pequenas ilhotas de pedra, de forte correnteza.

No diário de Viagem do Brigadeiro José Custódio de Sá Faria, traz referências a pedra de Curuçá. Que da cidade de São Paulo a praça de Nossa Senhora dos Prazeres de Iguatemi Ararituaba ( Porto Feliz), datada de 14 de Outubro de 1774, que diz o seguinte:

“... dia 14 largamos às 7:58 minutos de viagem, deixamos a esquerda uma barranca de pedra chamada pelos índios de Curuçá – Guaçu e os dois ribeirões á esquerda ”<sup>7</sup>.

Por muitos anos acreditava que nesta pedra ou próximo a ela, havia escondido um tesouro. Até os dias de hoje não se tem notícia a respeito se houve ou não algum tesouro nesta localidade.

Martins(1978:37) apud Hercules Florence , Almeida e Lacerda e Marques, registrou em seu Diário a respeito da povoação entre os anos de 1780 a 1790:

“(...)Sete lagoas maveguei... cheguei ao rio Sorocaba da parte meridional e aos rios Capivary-guassu e mirim da opposta... Deixei três poços entre eles Curussa. Pozei de frente do primeiro sitio ou habitação do Tietê. Todo este dia naveguei entre innumeráveis sitios fundados em as duas margens do Tietê...a bondade do clima pela nutrição, cor e fecundidade das mulheres ”

Outra passagem que relata Tietê no seu início de povoação é Francisco José de Lacerda e Almeida vindo de Cuiabá para São Paulo, nos anos de 1780 a 1790, assim relatou o que viu.

“ Deixei três poços entre eles Curussa. Pouzei de frente do primeiro sitio ou habitação do Tietê. Todo este dia naveguei entre innumeráveis sítios fundados em

---

<sup>7</sup> id. ibidem

as duas margens do Tietê... a bondade do clima pela nutrição, cor e fecundidade das mulheres...”.

Marques relata o surgimento deste povoado, “Com a construção de uma capela construída pelos moradores que se foram aumentando neste local.”

Os surgimentos destas cidades paulistas seguem uma evolução, como podemos observar comparando-o com o surgimento da cidade de Tietê. Segundo Candido(1998:75):

“No início, moradores segregados. Em seguida, ereção de capela, em patrimônio doado, que atraía loja e depois algumas casa. Daí, passava a freguesia, já com o núcleo de população esboçado. O povoado subia a vila, chegando afinas a cidade. Nestes casos, a população rural ia-se ampliando na periferia, onde apareciam novos bairros, que passavam a vila ,e assim, sucessivamente, sertão adentro”.

Onde Candido(1998, p. 79) menciona a respeito de um *lençol de cultura caipira* ( grifo meu). “Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em locuções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesões dos bairros.”

Um dos problemas que a população enfrentava, na época, do seu surgimento era a precariedade das estradas, tanto dentro da freguesia como em ligação com outras vilas. Como menciona Franco(1997:66) “ O traçado das estradas e a precariedade crônica de sua conservação tornaram a besta de carga o único meio possível de trânsito.” Esta precariedade é muito freqüente em todo o século XIX. Os municípios se encontravam em total miséria, sem condições da realização dos pequenos reparos. E assim, tendo a sua população um isolamento, tanto, nas zonas rurais, como na zona urbana da localidade, tendo uma precariedade na comunicação com outras vilas, sendo o único meio de comunicação da época. Tendo as estradas ou picadas que eram abertas dentro da mata, ligando uma vila a outra, para os municípios um intenso problema para a sua manutenção.

A precariedade das vias de comunicação era tão grande que Costa (1999:313) menciona a grave dificuldade em se locomover para outras localidades, e como isso, prejudicava no desenvolvimento do país:

“A má conservação dos caminhos, a precariedade dos meios de transporte foram sempre um entrave ao desenvolvimento econômico do país. No período das chuvas, o trânsito ficava interrompido pelos desmoronamentos. Grossas enxurradas escavavam buracos profundos. As pontes, em geral de madeira, eram carregadas pelas enchentes. Em muitos trechos os tropeiros viam-se obrigados a vadear os rios por falta de pontes. Mesmo estradas vitais para a economia, como a que ligava São Paulo a Santos, estavam em situação precária. Até meados do século eram excepcionais as vias carroçáveis. Os carros de boi, então em uso, cavavam sulcos profundos nos caminhos, transformados pelo contínuo pisotear das tropas em lamaçais intransponíveis.”

“A precariedade das vias de comunicação retardava a circulação, encarecia o frete e desviava boa parte da mão-de-obra para o setor dos transportes, e numa escala mais ampla impedia o desenvolvimento de uma economia de mercado.”

### **A imagem retratada pelos autores do modo de vida caipira.**

Como foi mencionado antes, o povoamento da região de Tietê, por volta de 1740, já havia alguns moradores distantes uns dos outros, com cada qual com seu pedaço de terra às margens do rio, pelo fato, das imediações serem muito férteis. Esta imediação ficava afastada da região urbana, que seria Porto Feliz, de quem pertencia, por ser um bairro distante, mais ou menos de quatro a cinco léguas.

Candido(1998:44) menciona que este distanciamento traz ao habitante as conseqüências ao caipira:

“ O habitante do Sul e do Oeste de Minas, pelo contrário, despertaram-lhe, por sua vida rústica e pouca educação, o mesmo desagrado que o paulista. É que eram populações disseminadas, vivendo, os pobres, da agricultura de subsistência; os remediados da pecuária atrasada – sem núcleos urbanos, conforto nem polidez.”

O autor ainda menciona que este distanciamento, favoreceu esta economia de subsistência, e os elementos que compunha o seu meio, através de sua própria fabricação, de um modo rústico. Pois, onde teve o bandeirantismo com uma agricultura itinerante, tanto na caça e pesca de quem se descendeu o caipira. Com técnicas e cultura improvisada, da sua característica nômade, de que, passaram a sobreviver. Segundo Damante ( s.d. p.16-17):

“Os caipiras paulistas, situados nas roças, fazendas e bairros; de umas certas maneiras acomodadas, indolentes e servis, ele daria um aspecto inconfundível a várias regiões do Estado, com seus próprios valores, e também com sua própria civilização.”

O que podemos entender de bairros, são núcleos familiares, com grande distanciamento das famílias, e assim, tendo um convívio social solidário. Segundo Ribeiro(2002:384):

“Assim se formaram os *bairros* rurais, definidos por um informante de Melo e Souza(1994) como *naçãozinhas* ou grupos de convívio unificados pela base territorial em que se assentam pelo sentimento de localidade que os identifica e os opõem a outros bairros, e pela participação em formas coletivas de trabalho e de lazer.”

Para o caipira, o que mais o importa são os bairros vizinhos, que além de serem seu trabalho familiar, é onde ele adquire o seu espaço social. Onde sempre está visitando, tanto para trabalho, como para rituais religiosos, está aí a sua socialização. Por isso, para o caipira os seus símbolos de maior importância são a roça, bairro e o seu rancho, pois, é o seu meio social de que faz parte.

Uma das finalidades do mutirão, além de uma forma de trabalho era também uma oportunidade de lazer, sempre que terminavam o serviço comunitário para um membro da vizinhança, logo após acontecia às festas, com muita música e aguardentes para alegrar o pessoal, de quem, havia participado do trabalho em conjunto.

Segundo Franco(1997:31) define mutirão como:

“(…) uma forma cooperativa de trabalho e, como se sabe, é convocado quando se trata da realização de benfeitorias de interesse coletivo (caminhos, capelas etc.), ou quando tarefas têm de ser realizadas como requisitos de celeridade que ultrapassam os limites do trabalho doméstico (plantio, colheita, derrubadas, construção de casa etc.).”

Também temos Ribeiro mencionando a respeito do mutirão como o mutirão além de ser uma forma de trabalho cooperativo é também uma oportunidade de lazer

festivo, com música e pinga.<sup>8</sup> Uma das entrevistadas dona Dita, menciona que quando morava na roça gostava muito das festas, que eram promovidas pelos moradores de perto.

Temos Cornélio Pires<sup>9</sup>, um importante estudioso do modo de vida do caipira, do começo do século, um tieteense, que, distingui o caipira de tipos étnicos como caipira branco, caboclo<sup>10</sup>, mestiço e preto, já que o tipo caboclo, ele distingue como um parasitismo social e uma anomia. O caipira branco como de melhor estirpe, descendentes de brancos, geralmente proprietário, o caipira preto tido como o melhor do braço escravo na lavoura e o caipira mulato é o mais vigoroso e o mais patriota dos brasileiros.<sup>11</sup>

Temos Saint-Hilaire e Monteiro Lobato, que provavelmente, ao retratarem o caipira, de uma maneira estigmatizada, poderia ser o caipira caboclo, descendente de índios, como pode observar na descrição em que Saint-Hilaire, descreve o caipira, Brandão(1983:15 apud Saint - Hilaire):

“Enquanto descrevia e examinava as plantas, aproximou-se um homem do rancho, permanecendo várias horas a olhar-me, sem proferir qualquer palavra. Desde Vila boa até rio das Pedras, tinha eu quiçá cem exemplos dessa estúpida indolência. Esses homens, embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes e, talvez, por excessos venéreos primários, não pensam: vegetam como árvores, como as ervas do campo. Obrigado pela ventania a deixar o rancho, fui procurar abrigo numa das cabanas principais, mas admirei-me da desordem e da imundice reinantes na mesma. Grande número de homens, mulheres e crianças desde logo rodeou-me. Os primeiros só vestiam uma camisa e uma calça de tecido de algodão grosseiro; as mulheres, uma camisa e uma saia

---

<sup>8</sup> Ribeiro, Darcy, “O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil”, 2002.São Paulo.pp.384-385.

<sup>9</sup> Um tieteense, primo de Amadeu Amaral, de que o incentivou a publicar o seu primeiro livro “Musa caipira” de 1910. Um grande estudioso da cultura caipira, onde em suas obras tanto contos como poesia relata o modo de vida do caipira de uma maneira humanizada, já que fez de Tietê e das localidades vizinhas como o seu campo de estudo. Outra obra sua “A estrambólicas aventuras de Joaquim Bentinho, de 1924, com esta publicação o autor recebeu vários elogios de autores consagrados como Afonso Schmidt, “Cornélio Pires foi um folclorista atilado, um contista cheio de emoção, um pesquisador que ficará na história da literatura regional. Seu livro pouco conhecido, tem um lugar marcado nas nossas letras, no seu gênero picaresco.” Outro a elogiar o autor foi Monteiro Lobato: “... Já comprei as Aventuras e li-as e venho dar-te um abraço, ao mesmo tempo, confirmar-lhe a minha imensa admiração pela sua obra “... você, Cornélio é um dos pouquíssimos que vão ficar. Há tanta verdade nos teus tipos, tanta vida, há tanto humanismo na tua obra, há tanta beleza e originalidade em teu estilo, que estás garantido: estás à prova do tempo que varre impiedosamente o que é medíocre(...)”

<sup>10</sup> Segundo Pires(1921,p.19-21) descreve o caipira caboclo como “são os descendentes directos dos bugres catechizados pelos primeiros povoadores do sertão.” “ A’s vezes têm um tiquinho de sangue português ou hespanhol em mestiçagem com as nossas bugras e bugres...” “Inteligentes e preguiçosos, velhacos e mantosos, barganhadores como os ciganos, desleixados, sujos e esmulambados, dão tudo por um encôsto de mumbava ou de capanga; são valentes, brigadores e ladrões de cavallos...”

<sup>11</sup> Pires, Cornélio, “Conversas ao pé do fogo” 1921. Edição Fac-similar.- São Paulo: Imprensa Oficial,1987, pp. 11-33.

simples. Os goianos e mesmo os mineiros de classe inferior vestem-se com muito pouco apuro, mas pelo menos, são limpos; a indumentária dos pobres habitantes de rio da Pedras era tão imunda quanto suas cabanas. A primeira vista, a maioria deles parecia ser constituída por gente branca; mas, a largura de suas faces e a proeminência dos ossos das mesmas traía, para logo, o sangue indígena que lhes corre nas veias, mesclado com o da raça caucásia... Pode-se acrescentar, ao demais, que à indolência juntam eles, geralmente, a idiotice e a impolidez(...)"

Monteiro Lobato descreve o caipira, de uma forma mais desgraçada do que Saint-Hilaire, ainda no começo do século, estigmatizando o caipira, com a criação do personagem Jeca Tatu. Lobato só ressaltava a preguiça a verminose e o desalento, tendo o caipira como uma praga das florestas como incendiário de matas, para a prática de suas plantações.

O autor não via que o caipira estava marginalizado, pela falta, de suas terras, que foram com o tempo retirado e expulso de onde tinham posses, pelo fato, da agricultura, estar em total expansão com a exportação, tanto do café e da cana-de-açúcar, que até então, as terras que não tinham interesse, já passava a ocupar lugar. Lugares onde o latifundiário dispunha várias famílias, estruturadas em bairros, com uma economia de autárquica, passou a despovoar, e assim, passando para uma economia mercantil.

O modo de vida do caipira foi com o tempo se decompondo. O caipira não via saída, uma das opções que lhe restou, foi permanecer como parceiros, de uma forma precária ou ser invasores de terras, dos proprietários latifundiários. Não tendo mais a oportunidade da realização de suas crenças e seus hábitos tão primitivos, que o faziam parte de uma sociedade, em comum, com os seus vizinhos, com quem tinha uma interação. Candido(1998:82) menciona que "A cultura caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social(...)". Com a demanda das exportações veio o fim da autonomia do caipira do manejo com a terra, e, conseqüentemente, com o

aumento da produção. Tendo neste processo, uma avaliação dos títulos de sesmarias, sendo verdadeiros ou falsos, usando o método da grilagem. Portanto, expulsando o posseiro de suas terras de muitos anos de cultivo e moradia, Ribeiro (2002:387-388) relata os meios usados para a expulsão do caipira da terra:

“Todo um aparato jurídico citadino se coloca a serviço dessa concentração de propriedade. Propriedades pulverizadas por efeito de heranças sucessivas de famílias extensas se constituem por compra das parcelas de exploração inviável. Entram em ação os demarcadores de glebas a se fazerem pagar em terras pelos que não têm dinheiro. Multiplicam-se os grileiros, subornando juízes e recrutando as forças policiais das vilas para desalojar famílias caipiras, declaradas invasoras de terras em que sempre viveram. Postas fora da lei e submetidas à perseguição policial, elas são, finalmente, escorraçadas das terras à medida que sua exploração comercial se torna viável.”

Muitos dos caipiras que tinham as suas posses, ou trabalhava como meeiro, para os proprietários, se não eram expulsos tinham que venderem as suas terras por valor ínfimo. É o caso da entrevistada dona Concilia, diz que teve de sair das terras onde trabalhava, como meeiro, onde trabalhou desde criança, nas terras do antigo proprietário, que o mesmo, vendeu para a usina de cana-de-açúcar. Pois assim, vindo morar na periferia de Tietê, onde o meio de vida era apenas uma carroça, e assim, caindo o caipira na marginalidade. Sem a posse da terra, o mesmo, passa a depende mais do dinheiro, pois, agora não dispõe mais de sua plantação de subsistência.<sup>12</sup>

A história do caipira nos leva como era a condição no convívio com a terra, onde através dele tirava o seu sustento e de sua família. Saint-Hilaire nos relata esta situação em que se encontrava o caipira.

“Os pobres que não podem ter títulos estabelecem - se nos terrenos que sabem não ter dono. Plantam, constroem pequenas casas, criam galinhas, e quando menos esperam, aparece-lhes um homem rico, com o título que recebeu na véspera, expulsa- os e aproveita o fruto de seu trabalho.

---

<sup>12</sup> Ribeiro, Darcy (2002: 389).

O único recurso que ao pobre cabe é pedir, ao que possui léguas de terra, a permissão de arrotear um pedaço de chão. Raramente lhe é recusada tal licença, mas como pode ser cassada de um momento para outro, por capricho ou interesse, os que cultivam terreno alheio e chamam-se agregados, só plantam grãos cuja colheita pode ser feita em poucos meses, tais como o milho e o feijão. “Não faz plantações que só dêem ao cabo de longo tempo como o café”.<sup>13</sup>

### **Metodologia para a aquisição das entrevistas.**

São entrevistas gravadas e coletadas nos dias atuais, na região de Tietê. Baseado na obra “O Dialeto Caipira” de Amadeu Amaral; comparando-os os aspectos lingüísticos, da troca do /l/ por /r/ ou rotacismo.

A metodologia usada para a coleta dos dados orais, foi em primeiro lugar infiltrando-se no meio da comunidade a ser estudada, fazendo contatos, para que pudessem me apresentar os entrevistados que se enquadrassem no perfil, como mostra a classificação, da seguinte maneira:

I - os pais dos entrevistados teriam que ter uma genealogia proveniente de Tietê; sem que os pais sejam imigrantes de outras regiões, sendo assim, para que não haja interferências lingüísticas de outras regiões passadas pelos seus pais;

II - que o entrevistado tenha idade acima de 65 anos: segundo Naro (2003:43-44) “(...) os falantes mais velhos costumam preservar mais os formas antigas(...)” . Tratando ainda do mesmo autor ele menciona o seguinte, que “(...) o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade”;

III - e que nunca tenha morado por um longo período em outra região, portanto, preservando o contato lingüístico do seu meio social;

---

<sup>13</sup> Saint-Hilaire, “Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo 1822.ed. Itatiaia; São Paulo, ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. pp.24.

IV – que o entrevistado tenha pouca ou nenhuma escolaridade, sendo assim, que não tenha tido o contato contínuo com a norma-padrão codificada pela gramática normativa.

As entrevistas foram realizadas no período de julho de 2006; para a realização das entrevistas não foi adquirido um questionário, e sim, uma conversa descontraída, onde o entrevistado apenas relatou a sua vida de infância, adolescência, de seu casamento e filhos, para que, tivesse bastantes relatos para contar, assim sendo, o entrevistador interferiu pouco na conversa. No entanto, o entrevistado se sentiu confortável em falar, permitindo que a sua fala pudesse ser menos cuidada e mais espontânea.

As gravações foram realizadas por meio de um gravador digital, tendo a qualidade do som excelente, sendo assim, não houve problema na hora da transcrição. Para a realização das entrevistas demorou um período de duas semanas, uma semana para fazer os contatos, e outra para a realização das entrevistas. Foram no total de dez entrevistas, apenas uma teve que ser excluída pelo fato de que o entrevistado, não possuía toda a arcada dentária e, assim sendo, ficou muito ruim a identificação dos dados, os demais tinham a arcada dentária completa, portanto, foi possível a identificação de todos os dados relatados. Em um dos itens citados acima, uma das entrevistadas permaneceu por alguns meses trabalhando de doméstica em São Paulo, por ter sido um período curto, da sua estadia em outra região, não foi relevante a sua exclusão do trabalho.

Todos os entrevistados aqui apresentados são bisnetos de escravos, onde a maioria dos pais são analfabetos com exceção do informante nº. 1 e 5, que eram semi-analfabetos, mas as suas mães eram analfabetas. O tempo de duração das entrevistas é em torno de trinta minutos.

Para a transcrição das entrevistas foram utilizados as Normas de Transcrição Convencional, sugeridas em RODRIGUES e FERREIRA NETTO (2000).

**Um estudo comparativo com o Dialeto Caipira de Amadeu Amaral: a troca do // por /r/, ou rotacismo.**

Entende-se por dialeção segundo Mattoso( 1979, p. 11):

“(...)sempre, em parte, pela história cultural e política e pelos movimentos de população, e, de outra parte, pelas próprias forças centrífugas da linguagem humana, que tendem a cristalizar as variações e criar dialeção em qualquer território relativamente amplo e na medida direta do maior ou menor isolamento das áreas regionais em referência ao centro lingüístico irradiador.”

Na época em que Amadeu Amaral menciona que cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás da data da sua publicação, o dialeto caipira<sup>14</sup>, era bem pronunciado em todo o território da antiga província de São Paulo. Só, que, com as mudanças sociais, o processo dialetal, estaria sendo interrompido. Amaral(1955, p.41-42) cita estes processos:

“Os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contacto permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social.”

Para este estudo não está sendo focalizado se nos habitantes de Tietê se há ou não o dito dialeto caipira, se não faríamos as entrevistas com várias faixas etárias, classe social e sexo. Pois o intuito deste trabalho é fazer um comparativo ao verificar se nos entrevistados acima de sessenta e cinco anos, como foi mencionado por Naro(2003), se

---

<sup>14</sup> Segundo Amaral (1955, p. 41) até as pessoas mais cultas, “(...) não podiam esquivar a essa influência.” “ Ele (o Marquês de S. Vicente, Pimenta Bueno) tinha vícios desagradáveis de pronúncia, não determinados por defeitos de organização dos órgãos da voz, mas por desmazelados e maus costumes, trazidos da segunda infância, que nunca pensou depois em corrigir, e mais tarde isso lhe foi impossível: dava ao l o som de r, pecava em outras pronúncias; mas, ainda assim, falando na tribuna, impunha silêncio, obrigava a atenção....” (Amaral apud Joaquim M. de Macedo). “Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios vícios de linguagem.”

há ainda esta variante como Amadeu Amaral a encontrou. Tendo os entrevistados, próximos da época em que foi realizado o primeiro estudo do dialeto caipira por Amadeu Amaral.

A variação fonética, tratada aqui é a da troca do /l/ pelo /r/ denominado rotacismo. Segundo Costa(2007) “o rotacismo é uma regra variável que depende do contexto silábico em que ocorre e que está condicionada por fatores sociais...”. Estes fonemas são /l/ lateral alveolar e /r/ vibrante. Conforme Lopes(1995:102-103) o fonema vibrante “são resultantes de brevíssimos e repetidos bloqueamentos parciais da corrente de ar, provocados por movimentos vibratórios da língua( ao colidir com os dentes)”; e o fonema alveolar “são resultantes do bloqueamento parcial da corrente de ar, que se escoia pelos lados da língua”. Sendo, assim, Costa (2007) diz que “ a realização de uma vibrante no ataque ramificado seria motivada pelo fato de que este segmento propicia uma melhor estrutura silábica”.

### **O /l/ em final de sílaba transforma-se em /r/**

Foram encontradas nos entrevistados algumas variantes lingüísticas como: mir, azur, pessuar. Amaral trata-se desta ocorrência terminadas em al, el, il ... frequentemente aparecem apocopadas. Tendo esta queda do /l/ e mudando-se para /r/ e depois caindo de acordo com as leis da fonética dialetal.

Na gramática de Barros (1540, p.10) ele escreve da seguinte forma. “Sol, lua, glória, fama, memória, nam tem plurár.” Em se tratando de uma gramática, do século XVI.

Segundo Marroquim (1934:29) esta troca é corriqueira na linguagem popular. Como carçada (calçada), fôrgo ( fôlego), sordado (soldado), côrgo (corrego), arvura

(alvura). Nas entrevistas em Tietê foram encontradas as seguintes variantes: argudão, carça, urtimu, consurta, sortera, e dentre outras.

### **Quando o subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em /r/**

Nas entrevistas foram encontradas, como : cabocro (caboclo), craro (claro), brusa (blusa), simpre (simples). Segundo Amaral(1955, p. 52) “Esta troca é um dos *vícios* de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo freqüente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contacto com o povo rude.” Marroquim (1934,p. 31-32) relata que esta passagem de /l/ para /r/ , se iniciou na formação do português como: platu (m) > prato; nobile (m) > nobre; blandu (m) > brandu; regula (m) > regra; clavum > cravo; saeculu (m) > segre, (arc) secre e secro (dial). Onde cita alguns exemplos do português arcaico como: exempro, ingrês, groria, grorioso, craro, paravra, prantar, esprandecente, incrinado, frôl, escrarecêr.

Pode-se notar este tipo de ocorrência em um dos textos do livro de Leite de Vasconcelos (1922, p. 99) do século XV, em Textos Arcaicos. “(...) dez gemas d’ouos e duas de craras e duas colheres de farjnha, de prata(...)”.

Portanto, foi feito um estudo comparativo com Amadeu Amaral, e também discutido com outros autores a respeito desta variante, tanto neste trabalho foi encontrado, como em outros trabalhos aqui citados.

### **Conclusão**

Como foi mencionado, um estudo sobre o contexto social de uma determinada comunidade, é importante, pelo fato, de que, para Calvet (2002, p. 9) a necessidade para um estudo através deste contexto social, onde se constitui uma ciência da linguagem onde, o social seja o próprio objeto de estudo. A lingüística moderna nasceu da vontade

de Saussure em (1916), através do modelo abstrato da *língua*, seguindo os atos de fala. Que seria o início do estruturalismo em lingüística. Saussure apesar de ter afirmado de que a língua “é a parte social da linguagem”, ou de que “a língua é uma instituição social”, o autor menciona no seu livro, de que, “lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesmo e por si mesma”.

Antonie Meillet foi um discípulo de Saussure, mas opôs-se em relação ao mestre, a respeito da contradição, de que, a sincronia distinguia da diacronia.

Clavet (2002, p. 15) menciona a este respeito:

(...) porque a afirmação do caráter social da língua que se verifica em toda a obra de Meillet implica ao mesmo tempo a convergência de uma abordagem *interna* e de uma abordagem *externa* dos fatos da língua e de uma abordagem *sincrônica* e *diacrônica* desses mesmos fatos. Quando Saussure opõe lingüística; interna e lingüística externa, Meillet as associa; quando Saussure distingui abordagem sincrônica de abordagem diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura pela história. Realmente *tudo opõe os dois homens tão logo os situamos no terreno da lingüística geral*. Enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o *fato social* e o *sistema que tudo contém*: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história.

Por esta concepção, primeiro foi apresentado o fator da história social da localidade aqui estuda, no caso, a região de Tietê. Tendo a concepção, de que, o estudo de uma língua, não é apenas “a língua em si mesma”. Mas, tendo os fatos, acontecimentos, ocorridos naquela região um fator importante para a formação de uma cultura e um dialeto caipira. Já que a cultura caipira era tida como uma economia de subsistência, e por muito tempo se constituía um isolamento, se abstendo do contato diário do mundo exterior. Desse modo, contribuiu para a preservação dos modos mais antigos nos idosos. De onde foi à base deste estudo, em comparação com Amadeu Amaral.

## Referências bibliográficas

- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo, ed. Anhembi limitada, 1955.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Caipiras de São Paulo*. São Paulo, ed. Brasiliense, 1983.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*, ed. Parábora, São Paulo, 4ª ed. 2002.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, PADRÃO – Livraria Editora LTDA, 1979.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, ed. Duas Cidades, 1998.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo, ed. da UNESP, 7ª ed. 1999.
- DAMANTE, Hélio. *Nova Paulística*, ed. São Paulo. ( s. d. ) pp. 16-17.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo. 1997.
- JUSARTE, José Theotonio, *Diário de Navegação*. Ed. São Paulo. pp.73.
- PIRES, Cornélio. *Conversas ao Pé do Fogo*. São Paulo, ed. Imprensa Oficial do Estado IMESP, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Musa Caipira: as estrambólicas aventuras do Joaquim Bentinho (o queima – campo)*, ed. Prefeitura Municipal de Tietê, Tietê, 4ª ed. 1985.
- LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris, Minuit, 1976, p. 37.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo. Ed. 14ª. Editora Cultrix, 1995.
- MADEIRA, Euclides Camargo. Na Terra de Cornélio Pires ( sua história, sua gente e seus imigrantes, seus “casos” e seus apelidos) . São Paulo, ed. João Scortecci, 1991.
- MARROQUIM, Mario. *A língua do Nordeste*. São Paulo, ed. Companhia Editora Nacional, 1934.
- MARTINS, Neide Marcondes. *O partido arquitetônico rural de Porto Feliz, Tietê Laranjal Paulista no século XIX: um estudo comparativo*. São Paulo, ed. Humanas, ed. Conselho est. de Artes e Ciências, 1978.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo Brasileiro: formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, ed. Companhia das Letras, 1995.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo, ed. Livraria Martins Editora, 1940.

\_\_\_\_\_, *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo 1822*.ed. Itatiaia; São Paulo, ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. pp.24.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo, ed. Ática, 7ª ed. 2004.

VASCONCELOS, Leite de. *Textos Arcaicos*. Lisboa, ed. Livraria Clássica, 3ª ed. 1922.